

## **JOSÉ VAZ CURVO**

*Aníbal Alencastro*

Nascido em Cuiabá em 25 de julho de 1875 e falecido a 24 de dezembro de 1943, filho de Joaquim Vaz de Campos e Ana Tereza Vaz de Campos, casou-se com Aurora de Mattos Curvo em 22 de junho de 1905. Seus filhos foram: Vaz Curvo, Laura Vaz Curvo, Ana Tereza Vaz Curvo, José Vaz Vaz Curvo, Ana Tereza Vaz Curvo, José Vaz Curvo, Aira Tereza Vaz Curvo Mauro Vaz Curvo.

Em 1806 – 1894 Foi nomeado Oficial da Escrevedoria da Caixa Econômica de Mato Grosso.

Em 08/07/1896 foi nomeado 2º escriturário da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional.

Portaria de 10/06/1904 foi nomeado para instalar e administrar a mesa de Rendas de Bela Vista.

Em 06/12/1906 foi nomeado 1º Escriturário da Alfândega de Cuiabá.

Por decreto 13/01/1925 foi nomeado contador da Delegacia Fiscal de Mato Grosso.

Exerceu a função de Delegado Fiscal do Tesouro Nacional em Mato Grosso em 1934.

Foi Major da Guarda Nacional.

## **MAJOR OCTÁVIO PITALUGA**

*Paulo Pitaluga Costa e Silva*

Nasceu em Cuiabá a 5 de novembro de 1880, filho de Ildefonso Peixoto de Almeida Pitaluga e de Maria Carolina Peixoto de Azevedo Pitaluga. Descendente pelo lado paterno dos Peixoto de Azevedo que aportaram em Cuiabá em cerca de 1748, e dos Pitaluga vindo de Goiás por volta de 1830. Pelo lado materno, provém também diretamente dos Peixoto de Azevedo.

Fez os seus primeiros estudos nas escolas particulares da professora Corsina Pitaluga Poyart, prima de seu pai, na de Solano Alves Pereira e na do professor João Christião Cartens, entre os anos de 1888 a 1891.

Por volta de 1891, juntamente com o amigo de infância Francisco de Aquino Corrêa, seu vizinho, em companhia de seu irmão mais novo, Jaime Pitaluga e outros meninos das redondezas do bairro do Mundéu, idealizou e concretizou uma exploração

córrego da Prainha acima, até as suas nascentes. Queria saber onde nascia a Prainha. Era o seu espírito investigativo, aventureiro e desbravador que já despertava com essa pequena mas brava expedição realizada em companhia de seus amigos de infância.<sup>1</sup>

Freqüentou o curso secundário no Seminário da Conceição, então administrado pelos padres lazaristas, entre 1892 e 1893. Terminou o secundário no Ateneu Cuiabano, entre 1895 e 1896, finalizando assim, tudo o que poderia se esperar do ensino em Cuiabá.

Optou pela carreira militar, sentando praça em Cuiabá a 7 de janeiro de 1897. Em fins desse mesmo ano seguiu para Porto Alegre em viagem a vapor pelo rio Cuiabá até Corumbá. Daí até Assunção e Buenos Aires. Atravessou o rio da Prata para Montevidéu, e dessa capital, num pequeno vapor até Porto Alegre. Na capital gaúcha estudou por um ano e matriculou-se, em 1898, na Escola Preparatória Militar, freqüentando-a por todo esse ano. Transferiu-se em 1899 para o Rio de Janeiro, onde matriculou-se na Escola Militar da Praia Vermelha, tendo aí concluído o curso geral da arma de Infantaria em 1902, sendo então nomeado Alferes Aluno.

Em 1903, já oficial, continuou na escola militar fazendo mais alguns cursos de especialização, por mais alguns meses.

Nessa época, fervilhava na escola militar as idéias positivistas de Augusto Comte. A República, anos antes, havia sido o despontar e a concretização maior desse ideal. Octávio Pitaluga, estudioso, filiou-se à essa corrente filosófica e a sua carreira militar e política, posteriormente, foi sempre calcada nos princípios e ideais positivistas.

Ainda em 1903 foi transferido para o 2º. Batalhão de Artilharia de Posição em Corumbá, sendo em princípios de 1904 transferido para o 8º. Batalhão de Infantaria em Cuiabá.

Na capital do Estado começou a tomar parte ativa da política mato-grossense. A atividade política estava no seu sangue. Filiou-se em 1904 à corrente e ao partido do então presidente do Estado, Antonio Paes de Barros, o Partido Republicano Constitucional de Mato Grosso.

Em 1906, teve uma atuação efetiva na revolução desse ano, defendendo com armas na mão e tropas na rua, o presidente, amigo e correligionário Totó Paes. Acima de tudo, defendia a legalidade democrática. O historiador Glauco Carneiro, a ele se refere: *Do alto do morro do Bom Despacho, o alferes Otávio Pitaluga manobrava os canhões Krupp postos à disposição de Totó Paes e mandava bombas ao Coxipó da Ponte, forçando Ponce, repetidas vezes, a mudar o local do seu quartel general.*<sup>2</sup> A sua ação somente não foi mais eficiente, a ponto de repelir as forças poncistas, porque ele não tinha à sua disposição um observador avançado, que melhor orientasse seus tiros de canhão.

Terminada a revolução com a vitória de Ponce e a morte de Totó Paes, sua casa no Mundéu, quase em frente à Santa Casa, foi cercada, baleada pelos vitorisos

---

<sup>2</sup> - CARNEIRO, Glauco. *História das revoluções Brasileiras*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965, 1º. volume, p.161

<sup>1</sup> - Fato relatado por Jaime Pitaluga a seu neto e autor, Paulo Pitaluga Costa e Silva.

revolucionários, sendo Octávio Pitaluga preso e remetido para o Arsenal de Marinha, no Porto. Como combatia em favor da legalidade e do governo constitucional de Totó Paes, assim que chegou à Cuiabá a coluna do general Dantas Barreto, enviada pelo Presidente da República para defender o governo democrático, foi imediatamente solto pelos seus colegas de farda.

Durante o seu período de prisão, no bairro do Porto, ficou conhecendo Maria Nina Moreira, filha do chefe político Neco Moreira e de Mariana de Almeida Serra Moreira. Neco Moreira, adversário político de Octávio Pitaluga, não obsteu o casamento de ambos, realizado em 23 de dezembro de 1906. Desse enlace, deixou três filhos, Plínio Pitaluga, general do Exército, Octávio Pitaluga Filho, funcionário público federal, e Venina Pitaluga.

Em 10 de janeiro de 1907 foi promovido a 2º. tenente e transferido para o 7º. Regimento de Infantaria, em Niterói. No ano seguinte, 1908, retornou novamente para o 8º. Batalhão de Artilharia de Posição em Corumbá.

Em março de 1909 foi removido para a 13ª. Companhia de Caçadores em Cuiabá, e nessa ocasião iniciou despontar como figura de proa na guarnição cuiabana do exército, bem como tornou-se pessoa de escol na sociedade cultural e política de sua terra.

O anti-clericalismo de Octávio Pitaluga vinha de berço. Nos anos 80 do século XIX, seu pai, o major da Guarda Nacional Ildefonso Pitaluga teve um sério atrito com um padre italiano do Liceu Salesiano São Gonçalo. Sua esposa, Maria Carolina, freqüentava amiúde a capela desse colégio, e um dia foi desfeiteada por esse padre italiano, que rezava as missas nessa pequena Igreja. O atrito entre ambos aumentou a tal ponto, que um dia o Major Ildefonso Pitaluga foi tomar satisfações com o tal sacerdote e, entrando em vias de fato, chegou a bater no padre. Na época, foi terrível a repercussão do lamentável ocorrido, e esse episódio afastou de vez a família Pitaluga da igreja católica.

Assim, sem segura formação religiosa, abraçar o positivismo foi um pequeno passo. No dia 21 de abril de 1909, juntamente com o advogado João Cunha, Octávio Pitaluga fundou a Liga Mato-grossense dos Livre-Pensadores. Esta associação, durante toda a sua vida institucional, além de se lançar à causa positivista, dedicou-se também a infernizar a vida do Arcebispo de Cuiabá, D. Carlos Luís d'Amour.

Os diretores da Liga fundaram um jornal, *A Reacção*, onde disseminavam a sua filosofia, os seus ideais positivistas, e ainda distilavam o ódio latente contra a igreja católica, o clero mato-grossense e em especial o pobre bispo D. Carlos.

É positivamente da autoria de Octávio Pitaluga um folheto que circulou em Cuiabá em 1909: *Ao Público Sensato: Carta Aberta da Liga Mato-grossense de Livres Pensadores refutando as insidiosas e pérfidas insinuações contidas na última Pastoral do arcebispo D. Carlos Luiz d'Amour*.<sup>3</sup> Esse documento polêmico e

---

<sup>3</sup> - O Dr. Luis-Philippe Pereira Leite, em depoimento gravado em julho de 1998 a Paulo Pitaluga Costa e Silva, assegurou ter conhecimento que esse folheto era de autoria única de Octávio Pitaluga.

combativo ensejou uma resposta do arcebispo, contido também num folheto de ampla circulação: *Carta aberta aos cuiabanos de bom pensamento pela qual fica patente a asnática ignorância dos Livre Pensadores*.

Posteriormente, em continuação das brigas entre a Liga e o Clero, no falecimento de importante político de Mato Grosso, o pároco da igreja Matriz não permitiu que o caixão fosse levado para o interior da Catedral coberto com a bandeira brasileira. Achava o Vigário Geral que o dístico *Ordem e Progresso*, por ser positivista, afrontava a doutrina espiritual católica. Os membros da Liga, em atenção e apoio à católica família do defunto, revoltaram-se na porta da Matriz e, a *manu militari*, entraram com o caixão Igreja adentro. No mesmo dia, estenderam no Largo da Matriz, uma imensa faixa verde e amarela com os dizeres *Praça da República*, nome esse imediatamente sufragado e aprovado pela Câmara dos Vereadores de Cuiabá, e que persiste até hoje.

Outro episódio que envolveu a Liga e a Igreja, foi uma procissão do Senhor Morto efetuada pelos livre pensadores em Cuiabá. Fantasiados de padres e de freiras, fizeram uma procissão pelas principais ruas de Cuiabá. Descendo a rua Treze de Junho, parando na frente da residência episcopal de D. Carlos, rezaram e cantaram hinos religiosos. O bispo, de sua janela, placidamente anotou os nomes de todos os participantes da tal procissão e no domingo seguinte proferiu a excomunhão de todos eles. Uma das primeiras excomunhões saiu para Octávio Pitaluga. Posteriormente, D. Aquino Corrêa, hábil político, foi paulatinamente anulando as excomunhões assinadas por D. Carlos.

Em 10 de julho de 1912, Octávio Pitaluga foi promovido a Capitão.

Por interferência do então Coronel Caetano Manoel de Farias e Albuquerque, seu adversário político e íntimo amigo de D. Carlos, Octávio Pitaluga, foi transferido para a 13ª. Companhia Isolada, sediada em Foz do Iguaçu. Muito provavelmente, por detrás de Caetano de Albuquerque estivesse o bispo D. Carlos.

Octávio Pitaluga, mais uma vez desceu o rio Cuiabá de lancha até Corumbá, daí para Assunção e Buenos Aires. Da capital argentina tomou um navio até o Porto de Paranaguá, subindo a serra do Mar de trem até Curitiba. Da capital paranaense, foi de carroça até Guarapuava onde ficou interinamente adido ao 2º. Regimento de Cavalaria, seguindo, posteriormente, para a sua unidade militar em Foz do Iguaçu.

Servindo no quartel do Exército dessa cidade, local frio e inóspito, contraiu sérios problemas de saúde, e em breve tempo, conseguiu ser removido de volta para a sua terra natal. Talvez para o desgosto de D. Carlos Luiz d'Amour. Em fins de 1913 já havia sido oficialmente removido para o 13º. Regimento de Infantaria em Corumbá.

Em 1914 foi transferido para o 13º. Batalhão de Caçadores e lançou a sua candidatura a deputado estadual.

Como Deputado elegeu-se pela primeira vez em 1914, continuando a representar ininterruptamente o povo na Assembléia por 15 anos, até o seu falecimento em 1929.

Com o Deputado Francisco Pinto de Oliveira fez uma dobradinha que se eternizou na Assembléia. Chico Pinto como Presidente e ele como 1º. Secretário, foram os grandes comandantes, por mais de uma década, do poder legislativo de Mato Grosso.

O fato mais notável desse período foi a sua participação na *Caetanada* em 1916, uma das muitas quarteladas ocorridas em Mato Grosso. Problemas políticos fizeram o Presidente Caetano de Albuquerque romper com o seu partido político, o Partido Republicano Conservador. Tropas na região sul do Estado, ameaçavam os adversários do Presidente. O andar dos acontecimentos atingiu a Assembléia Legislativa, cujos deputados, por se sentirem ameaçados, requereram e obtiveram um *habeas corpus*. Entrementes, em face dessas mesmas ameaças, os deputados, em atitude inédita, mudaram a sede do Poder Legislativo mato-grossense para Corumbá. Nisso, o Deputado Aníbal de Toledo apresentou um pedido *impeachment* contra Caetano de Albuquerque logo transformado em um processo. Por manobras conduzidas por Chico Pinto e Octávio Pitaluga, foi aprovado o *impeachment* e destituído o Presidente. Toda a condução legal do processo, a votação parlamentar, inclusive a comunicação oficial, foi feita pelo deputado Octávio Pitaluga.

Enquanto deputado estadual, na Assembléia, muito se bateu pela construção de uma estrada de ferro para Cuiabá. Sua idéia era a extensão de um ramal da Noroeste do Brasil, desviado a partir de Três Lagoas ou de Ribas do Rio Pardo até Cuiabá. Grande foi a sua atividade quando a Assembléia estava aprovando, em 1921, a concessão de uma estrada de ferro ao engenheiro Oscar Moreira. Infelizmente não conseguiu ver esse seu sonho realizado.

José Barnabé de Mesquita, no diz em artigo de sua lavra: *Percorrendo os anais da Assembléia, de duas décadas para cá, ver-se-á que, tanto na tribuna, como no trabalho das Comissões, Pitaluga foi sempre um estudioso de nossos problemas, administrativos e políticos, para cuja solução muitas vezes concorreu. Propondo a criação de novos departamentos policiais e judiciários, alvitando providências atinentes à boa marcha dos serviços públicos, retificando, por impróprios e errôneos, os nomes de acidentes geográficos, cuidando, mediante lúcida exposição do problema, da proteção à indústria dos poiais, uma das nossas fortes fontes de receita, nota-se a ação do dedicado mandatário norteada pelo patriotismo e amor aos nossos magnos problemas.*<sup>4</sup>

Uma de suas mais belas propostas de lei, foi enfeixada no trabalho *Necessidades e vantagens da proteção da Ipecacuanha*,<sup>5</sup> onde, exortando a

---

<sup>4</sup> - MESQUITA, José Barnabé de. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá: tomo 151/2, 1994, p. 348/50.

plantação e fiscalização dessa riqueza de nossa flora e ainda, a proteção das matas ciliares, das nascentes, posicionando-se contra os incêndios provocados, mostrou toda a sua preocupação ambiental. Tornou-se, assim, o primeiro ecologista de Mato Grosso. Um homem com idéias avançadas no tempo.

A 10 de janeiro de 1918 foi promovido a Capitão.

Em 1924, foi nomeado comandante do Contingente da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, a Comissão Rondon, independente de suas funções de Deputado Estadual.

Na Comissão Rondon, destacou-se pela sua amizade com o general Rondon, e os seus serviços em várias regiões de Mato Grosso. Foram inúmeros os seus trabalhos de demarcação, observações astronômicas, medições de terras, recuperação de linhas telegráficas, instalação de postos telegráficos. E principalmente, a sua principal obra, Rondonópolis.

Ele traçou com o próprio punho o projeto urbano dessa cidade, e, como deputado, lhe deu o nome de Rondonópolis. O próprio Rondon nos conta:

[...] *Há alguns anos passados, por proposta do saudoso militar, então deputado à Assembléia do Estado, Major Octávio Pitaluga, tomou esta Vila a denominação com que hoje é conhecida na corografia de Mato Grosso - o que representa mais uma excessiva demonstração de apreço e gratidão que tanto me desvanece. E, vem a pêlo, registrar, todavia, que me insurji contra a generosa idéia de Pitaluga que constituiu projeto aprovado naquela Assembléia e sancionada pelo Executivo [...]*

[...] *A planta do Patrimônio da antiga povoação do Rio Vermelho foi levantada pelo destemeroso e patriota Capitão Octávio Pitaluga [...]. Ficou concluído em fevereiro de 1918 [...].*<sup>6</sup>

Como bom desenhista, seus trabalhos topográficos, representados por mapas e plantas, eram de uma beleza rara e cuidado ímpar, e portanto, muito respeitados pela precisão de detalhes e correção de medidas.

Ainda servindo à Comissão Rondon, teve a oportunidade de efetuar várias expedições, na região do vale do rio das Mortes, em busca de carvão mineral e petróleo. Nessas diligências teve também a oportunidade de fundar a hoje cidade de Alto Garças.

Segundo o historiador José Barnabé de Mesquita, *A ação de Otávio Pitaluga pode ser apreciada sob tríplice aspecto: como técnico a serviço a Comissão Rondon; como deputado, que o foi por várias legislaturas e como jornalista estudioso de nossas coisas.*<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> - PITALUGA, Octávio. *Necessidades e vantagens da proteção à Ipecacuanha*. Cuiabá: IHGMT, 1998 (Publicações Avulsas, 8)

<sup>6</sup> - RONDON, Cândido Mariano da Silva. Mensagem enviada pelo Exmo Sr General Cândido Mariano da Silva Rondon, para ser lida [...]. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá: tomo 145, 1997, p. 141/4

<sup>7</sup> - MESQUITA, José Barnabé de. Op. Cit.

A 1º. de janeiro de 1919, foi eleito sócio efetivo do Instituto Histórico de Mato Grosso, na mesma data de sua fundação, indicado pela totalidade dos sócios fundadores.

Em 1922, enquanto deputado, foi transferido para o 16º. Batalhão de Caçadores em Cuiabá.

Em 16 de junho de 1926 foi promovido a major. Nesse mesmo ano destacou-se como comandante de forças militares que perseguiram a coluna Prestes na região de Rosário, Cáceres e rio Manso.

Era exímio flautista e tocava em saraus lítero-musicais de Cuiabá. Estêvão de Mendonça contando a fundação do Club Internacional em Cuiabá e a inauguração do mesmo com animado concerto e baile em 1º. de janeiro de 1905, nos dá a programação realizada, mencionando:

*1ª. Parte*

1- [...]

2- "*Calme de Soir*". *Reverie para mandolinos, flauta e piano.*

*Mmes. Soares e Addor, senhoritas Cecília Velasco, Adélia Pitaluga e Judith Catilina, e o sr. Octávio Pitaluga*

3- [...] <sup>8</sup>

No Club Internacional era ainda professor de esgrima.

Como jornalista, deixou uma produção extensa, mostrando sempre a sua preocupação com o desenvolvimento de seu estado, suas posições e opiniões políticas, relatando eventos, e ainda, com o seu extremo patriotismo e sempre externando a sua eterna filosofia positivista.

Contribuiu com matérias para os jornais *O Rebate*, *O Debate*, *O Pharol*, *O Republicano*, *O Correio do Estado*, *O Democrata*. Ajudou a fundar e a manter o jornal *A Reação*, órgão da Liga Mato-grossense dos Livres Pensadores.

Impulsivo em suas manifestações, apaixonado em suas opiniões, impetuoso em suas idéias. Um homem arrebatado, consciente de suas posições, de seus deveres como cidadão mato-grossense, e ardoroso em sua defesa ao Exército brasileiro. Democrata convicto, defendeu a democracia com armas na mão na revolução de 1906 e com palavras corajosas durante o período em que foi parlamentar. Com o Exército cumpriu todas as funções que lhe foram designadas, inclusive servindo na Comissão Rondon, dando o máximo de si, sacrificando a própria família pelos seus deveres de militar.

Pai de família extremado, marido dedicado, faleceu em Cuiabá em 12 de novembro de 1929, de complicação renal, provavelmente adquirida a doença em suas penetrações pelo interior mato-grossense servindo na Comissão Rondon e quando servia em Foz do Iguaçu.

---

<sup>8</sup> - MENDONÇA, Estêvão de. *Datas Mato-grossenses*. 2ª. ed. Cuiabá: Gov. do Estado, 1972, 1º. v., p.178/9, data de 12 de abril.

O major Pitaluga, deixou o seu nome indelevelmente ligado à história de Mato Grosso, pela sua postura ética de parlamentar, jornalista, militar, sempre defendendo com denodo as causas que abraçava e, principalmente, pelo amor que dedicava ao seu estado natal.

No dizer de seu filho, o General Plínio Pitaluga, ... *soube na profissão de militar ou nas outras atividades como político, sertanista e estudioso dos problemas humanos, impor-se à admiração dos colegas, dos conterrâneos, independentemente de convicções políticas e religiosas. Preocupado com os inúmeros problemas do grande estado de Mato Grosso, buscou na esfera política apresentar projetos objetivos quanto à agricultura, colonização, direitos humanos e os problemas dos índios.*<sup>9</sup>

[...] *Dotado de grande inteligência, de ampla cultura política e social, não descuidou dos problemas dos direitos humanos, da liberdade de expressão e de ação, chegando, como sócio do Club dos Operários, a buscar nas fontes primárias as razões do desequilíbrio social.*<sup>10</sup>

Octávio Pitaluga, não fosse a sua morte prematura aos 48 anos de idade, provavelmente, teria dado muito mais de si em favor de sua terra e se distinguido mais ainda no mundo político e cultural mato-grossense.

## OCTAYDE JORGE DA SILVA

*Elizabeth Madureira Siqueira*

A História da Educação e da Cultura mato-grossenses devem muito a Octayde Jorge da Silva, personalidade que dignificou esses dois campos do fazer social.

Cuiabano de nascimento (3 de fevereiro de 1926), Octayde era filho de Octávio Cassiano da Silva e Alayde Jorge da Silva, personalidades que deram uma esmerada educação ao filho. Seus primeiros estudos foram realizados na Escola Modelo “Barão de Melgaço”, instituição criada nos primórdios do regime republicano e colégio de aplicação das modernas teorias pedagógicas ministradas junto à Escola Normal “Pedro Celestino”. Prosseguiu ele os estudos junto ao primeiro estabelecimento público de ensino secundário, o Liceu Cuiabano, hoje denominado, com muita justiça, Liceu Cuiabano “Maria de Arruda Müller”. O preparatório cursou no Rio Grande do Sul, junto à Escola Preparatória de Porto Alegre, entre 1943 e 1945, após o que, ingressou

---

<sup>9</sup> - Carta via e-mail de 17 de fevereiro de 1999, do General Plínio Pitaluga ao autor Paulo Pitaluga Costa e Silva.

<sup>10</sup> - Idem, ibidem.